

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



Trab.Ling.Apl.	Campinas	nº 46 (1)	p.1-138	Jan./Jun. 2007
----------------	----------	-----------	---------	----------------

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: José Tadeu Jorge

Vice-Reitor: Fernando Ferreira Costa

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Antonio Alcir Bernárdez Pécora

Diretora-Associada: Nina Virgínia de Araújo Leite

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: Mónica Graciela Zoppi-Fontana

Equipe Editorial (SP-IEL)

Esmeraldo A. Santos / João A. Duek

Capa: Ivan Avelar

Trabalhos em Lingüística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas.

Instituto de Estudos da Linguagem. – Campinas, SP, n.1 (1983–).

Publicação Semestral

ISSN 0103-1813

1. Lingüística Aplicada – Periódicos. I. Universidade Estadual de Campinas.

Instituto de Estudos da Linguagem

CDD 418.005

Indexada em / Indexed in:

LLBA (Linguistics and Language Behaviour Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no CSA-Sociological Abstracts, no ULRICH'S International Periodicals Directory.

Revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada*

Setor de Publicações - IEL/UNICAMP - Caixa Postal 6045

13084-971 - Campinas-SP-BRASIL

Fone/Fax: (19) 3521 1528 - e-mail: spublic@iel.unicamp.br - <http://www.unicamp.br/iel>

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

ARTIGOS

LYNN MARIO T. MENEZES DE SOUZA
CMC, hibridismos e tradução cultural: reflexões 9

CLARISSA MENEZES JORDÃO
As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital 19

WALKYRIA MONTE MÓR
Linguagem digital e interpretação: perspectivas epistemológicas 31

MARCELO EL KHOURI BUZATO
Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais 45

ROXANE ROJO
Letramentos digitais – a leitura como réplica ativa 63

JÚLIO CÉSAR ARAÚJO
Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando 79

FERNANDA FREIRE, MARILDA CAVALCANTI,
ANGELA KLEIMAN, SÍRIO POSSENTI
Leitura e escrita via Internet:
formação de professores nas áreas de alfabetização e linguagem 93

LUIZ HENRIQUE MAGNANI
Por dentro do jogo: videogames e formação de sujeitos críticos 113

Publicações recentes recebidas através de permutas 127

APRESENTAÇÃO

O número 46.1 da revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada* é constituído por oito artigos inéditos, que refletem, a partir de diferentes perspectivas, sobre a relação entre os letramentos digitais e o desenvolvimento de reflexão social crítica. Esse tema é de grande relevância para a nova área do programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada aberta em 2005: *Linguagem e Tecnologia*. Considerando, justamente, que essa área de investigação é recente no programa, o volume inclui dois trabalhos de discentes de modo a ilustrar o tipo de reflexão que vem sendo desenvolvido no nível de mestrado e doutorado. Ambos os estudos ilustram o potencial promissor dessa área para as reflexões no campo da Lingüística Aplicada. Os artigos que compõem esse volume temático foram organizados em dois grandes blocos. Os quatro textos iniciais convidam a refletir sobre a necessidade de buscarmos por uma nova epistemologia e metodologia de pesquisa que levem em consideração a especificidade da comunicação mediada pelas novas tecnologias, situando essa necessidade no interior de questões mais amplas, como cultura, linguagem, interpretação e pedagogia. O segundo bloco inclui três textos que refletem sobre o impacto da incorporação da comunicação mediada por computador em práticas concretas de ensino e de formação de professores em serviço e um texto que versa sobre jogos digitais e ilustra a possibilidade de se promover a educação crítica mesmo fora do contexto formal.

O primeiro artigo, de Lynn Mário Menezes de Souza, convida o leitor a refletir sobre a comunicação mediada por computador (CMC) nas formações sociais ideológicas e culturais da pós-modernidade. Apoiado nos conceitos de *hibridismo e tradução cultural*, de Homi Bhabha, o autor ressalta que esse pano de fundo histórico e ideológico pode nos ajudar a entender os conflitos gerados entre essa nova forma de comunicação e os resquícios das ideologias da modernidade que estão na gênese da criação das novas tecnologias. Questionando a lógica modernista das *grandes narrativas* e refutando a noção de história universal como *verdade absoluta, neutra e homogeneizante*, o autor defende a noção de que os sujeitos sociais são construídos de forma dinâmica, conflitante e híbrida pelo cruzamento e travessia de histórias, culturas e ideologias múltiplas e heterogêneas. Transpondo o conceito de hibridização e tradução cultural para as propostas pedagógicas atuais de CMC, Menezes de Souza apregoa a necessidade de se considerar o contexto local na importação de tecnologias, visto que os saberes, valores e usos previstos na origem de tais tecnologias necessitam ser sempre recontextualizados e resignificados quando incorporados e absorvidos por outros contextos sócio-culturais.

O texto *As lentes do Discurso: letramento e criticidade no mundo digital*, de autoria de Clarissa Menezes Jordão, enfoca, a partir de uma orientação discursiva, a questão da diversidade cultural e do conflito gerado por interpretações múltiplas sobre a realidade. Defendendo explicitamente o viés teórico pós-estruturalista, a autora argumenta que a noção de língua como discurso é central para compreendermos que tanto *a linguagem quanto a realidade/verdade são sempre ideológicas e localizadas*, além de serem sempre determinadas pelas perspectivas dos sujeitos que as constroem e fazem uso delas em contextos culturalmente estabelecidos. Partindo dessa orientação teórica, Jordão nos instiga a refletir sobre a noção de cidadania e sobre o papel social das línguas estrangeiras no atual contexto de globalização da cultura, viabilizado pelas

diferentes possibilidades de interação e de acesso à informação oferecidas pela Internet.

O terceiro artigo deste volume, elaborado por Walkyria Monte-Mór, sublinha o fato de que a sociedade contemporânea demanda formas novas de pensamento. Acatando a proposta da *mente em rede*, de Manuel de Castells, a autora busca compreender em que medida alunos universitários transferem, para a interpretação de outras mídias, as habilidades que desenvolveram nas práticas comunicativas da Internet. Considerando um estudo de Colin Lankshear e Michele Knobel, a autora preocupa-se em analisar a adequação do currículo universitário na formação dos alunos para os novos letramentos e multiletramentos que circulam em uma realidade crescentemente digital e requerem *saber proceder ou agir na ausência de modelos pré-existentes*. Nessa direção, Monte-Mór posiciona-se favoravelmente à uma *epistemologia de performance*, que leve em consideração as práticas de bricolagem, colagem e montagem as quais, no processo interpretativo, transferem materiais de um contexto para outro, gerando combinações híbridas cujos resultados podem ser imprevisíveis. O estudo empírico relatado pela autora indica que, ao contrário do esperado, os alunos universitários tiveram dificuldade de transferir conhecimentos e fazer conexões entre as experiências que adquiriram na mídia digital e aquelas desenvolvidas em outra modalidade (interpretação fílmica). Considerando estes resultados, o texto leva o leitor a refletir sobre a prevalência de uma epistemologia padrão e convencional nas práticas de leitura universitárias e defende a necessidade de uma *epistemologia de performance*, mais adequada ao desenvolvimento da *mente em rede* demandada pela lógica da sociedade atual.

O texto de Marcelo El Khouri Buzato, doutorando do programa, enfoca alguns desafios empíricos-metodológicos colocados para a pesquisa sobre o letramento digital. Nesse artigo, o autor problematiza a relação entre contexto e prática social que tem norteados os estudos do letramento nas últimas décadas, a qual é fortemente ancorada na noção modernista convencional de contexto. Dentro desta visão, *o espaço* é entendido como uma moldura estável e definida e *tempo* visto como uma sucessão universal de momentos que fluem de maneira linear e unidirecional. Como alternativa, Buzato defende que todo e qualquer processo social deve ser compreendido como sendo *necessariamente* constituído pela *convivência de múltiplos espaços-tempos que se desenrolam simultaneamente*. Nessa perspectiva, informada pelos estudos pós-modernos, o *contexto* – seja em seu sentido restrito, equivalente à *situação*, ou mais amplo, no sentido de *cultura* – é concebido como *sendo produzido, negociado e hibridizado continuamente nas práticas e discursos dos indivíduos*, em um processo permanentemente aberto à construção, contestação e transformação. O texto deixa evidente que o abandono da noção tradicional de *contexto* como um *contêiner pré-existente* nos leva a rever criticamente certas estratégias empíricas e modelos metodológicos que começam a ser propostos para os estudos qualitativos dos letramentos digitais.

O quinto texto, de autoria de Roxane Rojo, muda o foco da discussão das questões gerais para as práticas digitais específicas. Nesse artigo, a autora discute de forma contrastiva dois tipos distintos de materiais – impresso e digital – ambos voltados para um mesmo tema e objetivo didático-pedagógico. A reflexão teórica desenvolvida por Rojo ressalta que o novo suporte digital tem particularidades que demandam e promovem novas formas de leitura. No meio digital, a interação do leitor não mais se restringe a textos verbais escritos: a interpretação passa a ser construída a partir de uma complexa relação e integração de sentidos, veiculados de forma

multimidiática e hipermediática. Outra grande mudança apontada por Rojo é que, no ambiente digital, o efeito da interatividade (gerada pelos *links*), e a interação dinâmica (propiciada pelos diferentes ambientes de comunicação à distância disponibilizados pela Internet), permitem que a leitura seja uma *réplica ativa*. Ou seja, ao contrário do que acontece com o material impresso, a interação com textos na Internet aproxima a leitura da escrita, na medida em que permite que ambas possam ser elaboradas simultaneamente em uma mesma situação e em um mesmo suporte. Essas diferenças têm um impacto nos modos de concepção de materiais pedagógicos elaborados para uso em diferentes mídias. A análise feita por Rojo nos mostra que as seqüências didáticas do material impresso, seguindo a tradição dos apostilados e estudos dirigidos, tendem a ser orientadas pela *voz do texto* e por um *discurso autoral*, relegando a voz do aluno para um segundo plano. A discussão do texto também conduz o leitor a compreender formas de se explorar as possibilidades oferecidas pelas ferramentas de comunicação síncronas e assíncronas, de modo a favorecer formas colaborativas e co-operativas de construção de conhecimento. Esse tipo de orientação das atividades pedagógicas no meio digital, como mostra a autora, demanda um conjunto variado de interações escritas através das quais o aluno-leitor troca e afina opiniões, redige e revê textos de forma coletiva. Essas possibilidades múltiplas de interação, exploradas *na condução discursiva do material digital*, colocam em primeiro plano a voz do aluno e favorecem o letramento crítico, visto que tais modos de leitura constituem-se como *réplicas ativas, construídas no diálogo com o outro, na contraposição da voz do leitor ao enunciado alheio*.

O texto de Júlio César Araújo, apresentado na seqüência, indica como a possibilidade de interação com o outro através da escrita na Internet pode beneficiar crianças em fase inicial de letramento a acelerarem o processo de aquisição e uso da escrita. Analisando o resultado de uma experiência que envolveu sete crianças, seis delas com sérios problemas de leitura e escrita, o autor indica como o uso do computador em práticas de ensino pode contribuir para melhorar o desempenho, a auto-estima e a capacidade de análise crítica de alunos principiantes. O estudo de Araújo ressalta que o conhecimento e exploração dos periféricos – uso do teclado e do *mouse* – pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades que são necessárias para aprendizes em fase inicial de escolarização. Mais importante ainda, a pesquisa analisada no texto indica que as experiências com vários gêneros digitais – *e-mail* pessoal, cartão digital, *chats* e endereço eletrônico – podem facilitar a percepção da escrita como uma prática necessária em nossa sociedade letrada, além de favorecer o desenvolvimento de hábitos como leitura e reescrita, necessários para o domínio eficiente de práticas letradas em geral. Segundo o autor, a aquisição de gêneros digitais, além de colocar as crianças em uma situação real de autoria, motiva-as a relerem criticamente suas próprias criações e instiga-as a analisarem detalhes da escrita nos textos que recebem via Internet. Tais colocações reforçam a noção de aproximação dos processos de produção e de leitura no meio digital, já apontada por Rojo quando discute a formação do professor em serviço. Considerando os resultados positivos do uso da Internet nas práticas de ensino de escrita em uma escola da rede particular do ensino, o artigo de Araújo convida o leitor a refletir, a partir de uma orientação gramsciana, sobre as conseqüências políticas da situação atual que exclui o professor e o aluno do ensino público das benesses das novas tecnologias.

O próximo artigo deste volume, elaborado por Fernanda Freire, Marilda Cavalcanti, Angela Kleiman e Sírío Possenti, professores que atuam no Centro de Formação Continuada do Instituto

dos Estudos da Linguagem (CEFIEL), relata os resultados de um curso oferecido para a formação continuada de professores em serviço que atuam na rede pública de ensino. O texto oferece uma noção geral sobre a plataforma educacional utilizada pelo Centro e sobre a metodologia adotada nos cursos oferecidos pelo CEFIEL. Os extratos de um dos cursos selecionado para a análise indicam que os professores em formação aproximam-se de maneira informal, situada e contextualizada das noções sobre letramento digital criando, assim, uma maior familiaridade tecnológica. Os resultados discutidos mostram que, como as interações na modalidade à distância do curso realizam-se através da escrita, os professores-cursistas assumem, durante as atividades pedagógicas propostas, o papel de *leitor/escrivente*. Nesse sentido, o meio digital abre também para esses professores um lugar privilegiado para a autoria e leitura (pontos levantados tanto por Rojo, quanto por Araújo). A discussão sobre as comunidades virtuais formadas durante a realização do curso, assim como as reflexões sobre a apropriação criativa que os alunos fazem das ferramentas disponíveis na plataforma educacional adotada oferecem ao leitor exemplos adicionais e mais detalhados, não só da leitura como *réplica ativa*, discutida por Rojo, mas também do uso efetivo da escrita como um caminho promissor para a reflexão teórico-prática sobre a *escrita*, um ponto ressaltado por Araújo quando esse discute a interação inicial de crianças com gêneros digitais. Em síntese, os três textos que discutem a inclusão da tecnologia em práticas de ensino e formação apontam para posições semelhantes: os canais abertos pela Internet favorecem a construção de (novas) imagens do que é ser *leitor e autor*; gerando posições reflexivas sobre o processo da escrita e uma postura mais ativa e crítica em relação à própria voz e à voz do outro.

O texto que fecha o presente volume – *Por dentro do jogo: videogames e a formação de sujeitos críticos* – é de autoria de Luiz Henrique Magnani, um aluno mestrando do programa de Linguística Aplicada. As reflexões feitas pelo autor sobre possibilidades educativas de uma prática digital lúdica sinalizam que a área de *Linguagem e Tecnologia* traz questões e objetos de análise novos para as pesquisas no campo da Linguística Aplicada. Nesse texto, Magnani reflete sobre *realidade virtual* uma questão também tematizada na conclusão do artigo de Menezes de Souza, texto inicial do presente volume temático. A discussão desenvolvida por Magnani convida o leitor a refletir sobre simulações computadorizadas não mais como “*passatempos neutros*”, mas sim como artefatos culturais complexos que veiculam visões de mundo e valores culturais específicos. Considerando essa questão, o autor sugere dois caminhos para politizar a relação com jogos digitais: promover leituras subversivas dos jogos mercadológicos existentes, ou construir jogos que instiguem o desenvolvimento da reflexão crítica. O texto finaliza sugerindo algumas diretrizes que poderiam nortear a criação de jogos digitais educativos.

No conjunto, as diferentes orientações temáticas e teóricas que compõem os artigos do presente volume convidam o leitor a rever arcabouços teórico-metodológicos tradicionais e também a refletir sobre direções novas para as práticas educacionais. As reflexões teóricas e questões trazidas pelos diferentes artigos nos ajudam, também, através da teorização de uma realidade comunicativa nova, a sermos mais sensíveis a alguns problemas e questões já levantados na literatura recente sobre as práticas de letramento e de educação de um modo mais amplo.

Denise Bértoli Braga